

Índice

Dedicatória — Carta a Stella Ford	9
Primeira Parte	
I	17
II	25
III	32
IV	43
V	54
VI	71
Segunda Parte	
I	81
II	98
Terceira Parte	
I	105
II	121
III	130
IV	143
V	154
Quarta Parte	
I	171
II	181

III	198
IV	207
V	212
VI	221

Primeira Parte

I

Esta é a mais triste história jamais contada. Convivemos com os Ashburnham durante nove das temporadas de Nauheim em extrema intimidade ou, melhor dizendo, com um relacionamento muito solto e natural, e ao mesmo tempo tão chegado como uma boa luva à nossa mão. A minha mulher e eu conhecemos o capitão e Mrs. Ashburnham o melhor que se pode conhecer alguém, e, no entanto, num outro sentido, nada sabíamos deles. Este estado de coisas, ao que creio, só é possível com ingleses, dos quais, até este dia em que me sento a reflectir sobre o que conheço deste triste caso, nunca soube absolutamente nada. Até há seis meses nunca tinha estado em Inglaterra e seguramente nunca tinha sondado o fundo de um coração inglês. Os baixios, conhecia.

Não quero com isto dizer que não nos dêssemos com muitos ingleses. Vivendo, como por força vivíamos, na Europa e sendo, como por força éramos, americanos ociosos, que é o mesmo que dizer que não éramos nada americanos, estávamos muito bem integrados na sociedade dos ingleses mais estimáveis. É que, sabes, a nossa casa era em Paris. Um sítio entre Nice e Bordighera proporcionava-nos anualmente residência de Inverno e Nauheim sempre nos recebia de Julho a Setembro. Concluirás desta informação que um de nós tinha, como se costuma dizer, «mal de coração», e, da informação de que a minha mulher já morreu, que era ela quem sofria.

Também o capitão Ashburnham sofria do coração. Mas, enquanto para ele, coisa como um mês por ano em Nauheim o afi-

nava para o resto dos doze meses, uns dois meses era o mínimo para manter a pobre Florence viva de ano para ano. A razão para o mal de coração dele era, aproximadamente, o pólo, ou então demasiado desporto exigente na sua juventude. A razão para os anos encurtados da pobre Florence foi uma tempestade no mar, na nossa primeira travessia para a Europa; e as causas imediatas do nosso aprisionamento nesse continente foram as ordens dos médicos. Diziam que mesmo a breve travessia do Canal poderia matar a pobrezinha.

Quando nos conhecemos, o capitão Ashburnham, regressado com reforma por doença de uma Índia a que nunca mais voltaria, tinha trinta e três anos; Mrs. Ashburnham, Leonora, tinha trinta e um. Eu tinha trinta e seis e a pobre Florence trinta. Portanto, Florence teria hoje trinta e nove e o capitão quarenta e dois; eu tenho quarenta e cinco e Leonora quarenta. Entenderás, pois, que a nossa amizade tenha sido uma coisa do início da meia-idade, uma vez que todos éramos de temperamento bastante sossegado, sendo mais particularmente os Ashburnham o que em Inglaterra se costuma chamar «pessoas de bem».

Descendiam, como provavelmente já concluíste, dos Ashburnham que acompanharam Carlos I ao patíbulo e, como também seria de esperar nesta classe de ingleses, não se dava por isso. Mrs. Ashburnham era uma Powys; Florence era uma Hurlbird de Stamford, Connecticut, onde, como sabes, as pessoas são ainda mais antiquadas do que os ingleses com que Elizabeth Gaskell povoou a sua Cranford. Pela minha parte, sou um Dowell de Filadélfia, Pensilvânia, onde, e isto é historicamente verdade, há mais famílias inglesas antigas do que em seis condados ingleses juntos. Aliás, trago comigo, como se fosse a única coisa que me prende a um ponto do globo, os documentos da minha quinta, que outrora ocupou vários quarteirões entre as ruas Chestnut e Walnut. São escrituras *wampum*, concessão de um chefe índio ao primeiro Dowell que partiu de Farnham, Surrey, na companhia de William Penn. A família de Florence, como muitas outras residentes no Connecticut, é oriunda da zona de Fordingbridge, onde fica a casa dos Ashburnham. É daí que escrevo, neste momento.

Perguntarás porque escrevo. É que as minhas razões são muitas. Com efeito, não raro os seres humanos que assistiram à pilhagem de uma cidade ou à destruição de um povo desejaram registrar aquilo que testemunharam em benefício de herdeiros desconhecidos ou de gerações infinitamente remotas; ou, já agora, apenas para tirarem as imagens da cabeça.

Disse alguém que a morte de um rato com cancro é todo o saque de Roma pelos godos e eu juro-te que o desfazer da nossa pequena *coterie* de quatro foi um acontecimento tão impensável como esse. Supondo que vinhas encontrar-nos sentados, os quatro, a uma das mesinhas no alpendre do clube em, digamos, Hom-burg, a tomar o chá da tarde e a assistir ao golfe em miniatura, terias dito que, da maneira como estão as coisas humanas, éramos um castro extraordinariamente seguro. Éramos, se quiseses, um desses navios com velas brancas num mar azul, uma dessas coisas que se afiguram as mais ufanas e seguras de todas as coisas belas e seguras que Deus permitiu que a mente dos homens concebesse. Que lugar melhor para nos refugiarmos? Que lugar?

Constância? Estabilidade? Não posso crer que tenha acabado. Não posso crer que essa vida longa, tranquila, apenas um passo de minuete, tenha desaparecido em quatro dias esmagadores ao fim de nove anos e seis semanas. Palavra de honra que a nossa intimidade era como um minuete, simplesmente porque em todas as ocasiões possíveis, em todas as circunstâncias possíveis sabíamos onde ir, onde sentar-nos, que mesa escolheríamos unanimemente; e podíamos levantar-nos e sair, os quatro juntos, sem um sinal de qualquer de nós, sempre ao som da orquestra da *Kur*, sempre sob um sol temperado ou, se chovesse, em abrigos discretos. Não, na verdade não pode ter desaparecido. Não se pode matar um *minuet de la cour*. Pode-se fechar a partitura, fechar o cravo; no armário e nas estantes, os ratos podem destruir as prendas de cetim branco. A turba pode saquear Versailles; o Trianon pode cair, mas seguramente o minuete... ah, o minuete parte a dançar sozinho para as mais distantes estrelas, ainda que o nosso minuete das termas do Hesse tenha de deter os seus passos. Não haverá um paraíso onde as belas danças antigas, as belas intimi-

dades antigas se prolonguem? Não haverá um Nirvana banhado pela leve vibração de instrumentos que caíram no pó do caruncho, mas que mesmo assim têm almas frágeis, trémulas e eternas?

Não, por Deus, é falso! Não era um minuetto o que desenhavam os nossos passos; era uma prisão, uma prisão cheia de histéricos a gritar, atados para não poderem sobrepor-se ao rolar das rodas do nosso coche quando passávamos pela sombra nas avenidas de Taunus Wald.

E, no entanto, juro pelo nome sagrado do meu criador que era verdade. Era sol verdadeiro; música verdadeira; verdadeiro o manancial lançado nas fontes por bocas de golfinhos de pedra. Pois se para mim éramos quatro pessoas com os mesmos gostos, com os mesmos desejos, encenando — ou então não, não era teatro — sentar-se aqui e além unanimemente, não é essa a verdade? Se ao longo de nove anos possuí uma maçã que tem bom aspecto mas está podre por dentro e levo nove anos e seis meses menos quatro dias a descobrir a sua podridão, é falso dizer que durante nove anos possuí uma maçã com bom aspecto? Pois o mesmo se pode dizer de Edward Ashburnham, de Leonora, sua esposa, e de Florence, pobre querida. E, pensando bem, não é um tanto estranho que a podridão física de pelo menos dois pilares da nossa casa de quatro cantos, nunca tenha surgido no meu espírito como uma ameaça a esta segurança? Nem agora surge, embora dois deles tenham já morrido. Não sei...

Do coração dos homens não sei nada, nada de nada. Sei apenas que estou só, terrivelmente só. Não mais o fogo da lareira será para mim testemunha de conversas amigas. Nenhuma sala de fumo será mais do que um lugar povoado por incalculáveis simulacros envoltos em grinaldas de fumo. E, contudo, valha-me Deus!, que conheço eu, além da vida da lareira e da sala de fumo, se passei toda a minha existência nesses lugares? O calor junto ao fogão de sala!... Bem, houve Florence: creio que, nos doze anos que durou a sua vida após a tempestade que parece ter enfraquecido irremediavelmente o seu coração, creio que nem por um minuto a perdi de vista excepto depois de aconchegada a salvo na cama, quando eu descia, para conversar com uma

pessoa ou outra num salão ou sala de fumo, ou para dar mais uma volta, com um charuto, antes de ir para a cama. Compreendes que não culpo Florence. Mas como pôde ela saber o que soube? Como ficou ela a saber? A saber de tudo. Céus! Parece não ter tido ocasião alguma. Deve ter sido enquanto eu tomava os meus banhos, fazia a minha ginástica sueca, me arranjavam as unhas. Com a vida de solícito, esforçado enfermeiro que levava, tinha de fazer qualquer coisa para me manter em forma. Deve ter sido nesses momentos! Mas não terão sido os bastantes para ela manter as conversas tremendamente longas, cheias de sapiência mundana, que Leonora me tem contado desde a morte deles. E será possível imaginar que durante os nossos passeios a conselho do médico em Nauheim e arredores ela tenha arranjado tempo para realizar as prolongadas negociações que manteve entre Edward Ashburnham e a sua mulher? E não é incrível que durante todo esse tempo Edward e Leonora nunca tenham dito um ao outro uma palavra em privado? Que havemos de pensar da humanidade?

É que, juro-te, eles eram um casal modelo. Ele era do mais dedicado que se pode ser sem aparentar fatuidade. Tão bem posto, com uns olhos azuis tão honestos, e que toque de estupidez, que generosidade tão calorosa! E ela... tão alta, esplêndida na sela, tão loira! Sim, Leonora era extraordinariamente loira e tão extraordinariamente autêntica que parecia demasiado bom para ser verdade. É que não é costume encontrar-se tanto de superlativo junto. Ser-se família fidalga, parecer família fidalga, ser-se tão apropriada e perfeitamente rico; ter uns modos tão perfeitos, levados até ao comedido toque de insolência que se presume necessário. Ter tudo isso e ser tudo isso! Não, era demasiado bom para ser verdade. E, no entanto, ainda esta tarde, ao falar de tudo isso, ela me disse: — Uma vez tentei arranjar um amante, mas depri-miu-me, fatigou-me tanto que tive de o mandar embora.

Deu-me isto a impressão de ser a coisa mais espantosa que tinha ouvido. E ela disse:

— Estive verdadeiramente nos braços de um homem. Que tipo simpático! Tão bom rapaz! E dizia para mim própria, furiosa,